



Therezinha de Jesus Zerbini

Frei Oswaldo Rezende O.P.

Ao testemunhar sobre o imenso papel de Therezinha de Godoy Zerbini na luta contra a ditadura que oprimiu o Brasil de 1964 a 1985 e no processo de redemocratização da nossa nação, vejo-me desmunido dos instrumentos indispensáveis para corroborar com dados precisos acontecimentos e datas que marcaram sua vida e ação. A pandemia nos isola a todos, e as notas, documentos e rabiscos que poderiam certificar, ajudando-me, o muito que sobre ela eu poderia dizer, estão bem longe de mim, a mais de quatrocentos quilômetros de onde me encontro. Therezinha, no entanto, gostava de citar uma frase atribuída a Santo Agostinho que dizia que o coração é o lugar da memória. Essa lembrança facilita-me a tarefa: é só deixar falar o coração.

Conheci-a, creio eu, em 1967 quando era um jovem frade estudante no nosso convento da colina de Perdizes, na capital paulista. Ela e seu marido, o grande general Zerbini, que fora preso e cassado por ter-se colocado, contra os golpistas, do lado da legalidade constitucional, moravam no mesmo bairro. E como a Ordem dos Frades Dominicanos, como era do conhecimento geral, se opunha à ditadura, era natural que laços de amizade e de uma certa cumplicidade se instaurasse entre os frades e o casal. Estávamos do mesmo lado.

Conheci primeiro o general Zerbini a quem convidamos para que nos explicasse a rocambolesca ``Doutrina da Segurança Nacional`` que era a cartilha confeccionada pela ala ``intelectual`` das Forças Armadas para justificar o injustificável: a defesa da democracia pela força, os soldados voltando os canos de suas armas contra o povo em vez de usá-las para defendê-lo, tudo isso em nome de uma ideologia extravagante e artificiosa. Tentávamos compreender o que estava se passando diante dos nossos olhos, como fora possível que tivéssemos chegado àquele absurdo: a instauração de uma ditadura militar para defender... a democracia!

A ala mais jovem dos frades – a da geração a qual pertenço e que chegava aos vinte anos de idade em 1964 – passou, pois, a frequentar a casa dos Zerbini com frequência, escutando-os e aprendendo muito sobre a triste realidade do nosso país, tentando extrair ao menos um pouco de inteligibilidade da trama do verdadeiro festival de besteira que assolava o país. Cumpre dizer que tanto Therezinha quanto o gen. Zerbini nada tinham de comunistas: os generais de plantão no poder em Brasília sabiam disso. Eram democratas, simplesmente. E nacionalistas. Tinham uma grande sensibilidade social e uma real preocupação com a sorte dos menos favorecidos e, pela simples inspeção dos fatos, viam claramente a necessidade de amplas e profundas reformas políticas e econômicas que ensejassem uma maior participação do nosso povo na condução dos destinos da nação, liberando-a dos entraves que impediam o seu desenvolvimento.

A tutela que fora imposta ao Brasil engendrou, naturalmente, resistência. Seu prolongamento fez com que setores importantes da sociedade civil comessem a protestar, a lutar contra essa tirania por meios pacíficos, mas contundentes. E a repressão fez o seu trabalho: prisão e maus tratos nas masmorras foram se sucedendo, tornando-se cada vez mais fortes, até chegar à tortura e aos ``desaparecimentos`` dos opositores. Foi no meio desse horror que começou uma verdadeira colaboração entre Therezinha e os jovens frades dominicanos seus amigos. Ora era ela que nos passava alguém que conseguira sair provisoriamente da cadeia graças a um miraculoso Habeas Corpus – instituto jurídico que permaneceu em vigor até 1968 - ora éramos nós que lhe solicitávamos colaboração para impedir que alguém caísse nas garras da polícia, ou estivesse saindo de prisão com liberdade provisória, para que recebesse além de um esconderijo, cuidados médicos indispensáveis.



Passo sobre os detalhes. Neste ano de 1968, que terminaria tão mal, os protestos contra a ditadura inflamaram a sociedade. Estudantes e jovens manifestavam nas ruas gritando “abaixo a ditadura!”, desafiando as forças de repressão. Greves estouravam pelo país. A cultura brasileira, os intelectuais, artistas, jornalistas, também se expunham abertamente exigindo o fim do regime de exceção. A oposição política, magramente tolerada, começava a articular uma Frente Ampla suscetível de assumir uma alternância ao despotismo reinante. Ninguém aguentava mais. Foi neste contexto que os estudantes universitários se propuseram a realizar o Congresso da União Nacional dos Estudantes que, apesar de extinta pelos militares, continuava existindo clandestinamente. Isto se reveste de importância quando falamos de Therezinha Zerbini pois sua colaboração com os estudantes a levaria dois anos depois a prisão e ao mesmo tempo lhe daria a ideia mestra para lançar, já em meados dos anos 70, o Movimento Feminino pela Anistia.

O congresso deveria ser realizado em São Paulo, e quando se reuniu a comissão, de cunho nacional, para organizá-lo, a proposta de reuni-lo clandestinamente num lugar afastado acabou vencendo. Também aqui a economia de meios me faz ir mais rápido passando acima de detalhes. Apesar de sermos a favor de um congresso relâmpago na própria PUC em São Paulo, nós, os paulistas, tínhamos que dar conta do recado cumprindo a vontade da maioria. Saí da reunião encarregado de procurar um local que fosse suficiente grande para acomodar as delegações e longe do centro urbano para garantir sua clandestinidade. Cálculos feitos, o número de delegados deveria ser uns quatrocentos, o que já nos pareceu enorme. Como eu estudava na Faculdade de Filosofia e tinha um seminário naquela tarde pedi a Frei Tito que fosse até à casa de Therezinha para perguntar-lhe se tinha uma pista para resolver nosso problema. A noite Frei Tito já tinha uma resposta. Um conhecido de Therezinha tinha um sítio deserto, perto de Ibiúna. Era no meio do mato, distante de aglomerações. Fui vê-la no dia seguinte e, contatos feitos, o dono do sítio estando de acordo, comuniquéi o achado à comissão organizadora. Uma visita ao local foi suficiente para obter o acordo de todos. E começaram os preparativos. Num fim de semana, aconselhados por Therezinha, convidamos e levamos o próprio gen. Zerbini ao local afim de que ele nos desse sugestões para garantir um mínimo de segurança. Quando o congresso da UNE foi descoberto e os estudantes presos (tinham nos falado de 400, apareceram 900!) foi achado num canto, jogado, um papel com o desenho do sítio e as anotações que indicavam como deveriam proceder para escapar da polícia caso ela chegasse por lá: eram das mãos do gen. Zerbini. Jornais publicaram foto do documento e os comentários dos policiais e dos militares: o plano de evasão era tecnicamente perfeito, só que esqueceram de pô-lo em prática.

Novecentos estudantes universitários vindos de todas as partes do Brasil presos! Pouco preocupada com as consequências que aquelas prisões poderiam acarretar para si mesma, Therezinha teve uma intuição da dimensão do episódio. A universidade sendo na época o que ela era, só filhos da classe média a frequentavam – filhos, portanto, da classe social sem o apoio da qual os golpistas de 64 jamais teriam chegado ao poder. Therezinha pensou nas mães dessas moças e rapazes, na sua aflição ao ver seus filhos serem conduzidos a masmorras pelo simples exercício do direito de se reunirem e pensarem o futuro de seu país. Ela cria o “Movimento das Mães” pela soltura dos jovens presos e numa reunião em sua casa – da qual tive a honra de participar, eu um jovem frade inexperiente de 22 anos, junto com senhoras que poderiam ser minhas mães – decidiram lançar um manifesto de protesto. Pela primeira vez, desde a instalação da ditadura, a voz das mulheres se fazia ouvir.

Therezinha guardou a lição que ela mesma se dera. Enquanto isso, a autoridade da ditadura se deteriorava. A partir de fins de novembro, despencou: a Câmara dos deputados se recusou a cassar o mandato de um dos seus membros, cuja cabeça lhe fora pedida pelo governo; o Supremo Tribunal Federal concedeu habeas corpus à liderança dos estudantes ainda presos; a Igreja Católica e outras confissões religiosas se manifestaram pela volta à normalidade democrática; nas ruas manifestações de protesto se sucediam quase que cotidianamente. Era a nação exigindo que lhe restituíssem a sua voz. Acuado, o alto comando militar reagiu com sua brutalidade habitual: na noite da sexta-feira, dia 13 de dezembro de 1968, enquanto tropas se movimentam pelo Brasil, os brasileiros assistem, boquiabertos, a

INFORMATIVO DA PROVÍNCIA FREI BARTOLOMEU DE LAS CASAS – DOMINICANOS NO BRASIL

E-mail: secretariaprovincia@dominicanos.org.br

Telefones: (62) 3928-1333 / (62) 99417-2721 Whatsapp



radicalização da ditadura com a proclamação do Ato Institucional número 5 que fecha o Congresso, suspende os direitos e garantias individuais e coletivos, mordaça a Justiça e institui a censura prévia da mídia – entre outras cruéis medidas. O povo que se cale!

Os desmandos da situação assim criada são do conhecimento de todos. É mentira que esse ato intrinsecamente criminoso tenha sido praticado por causa de guerrilhas e ações armadas contra o regime ditatorial. Eram inexistentes na época. Foi essa intolerável agressão praticada pela força das armas contra toda uma nação indefesa que criou as condições para que muitos jovens, vendo o seu futuro tolhido, decidissem usar dos mesmos meios com os quais lhes impuseram a ferro e fogo uma situação que se pode chamar com toda propriedade de Terror. E começou uma escalada de violência que deixou marcas indeléveis na nossa história. Pouco menos de um ano depois, Carlos Marighela era assassinado e o convento dos dominicanos, onde agora redijo essas linhas, invadido e os frades presos. E entre muitas outras coisas, foi reaberto o inquérito sobre o congresso estudantil de Ibiúna. Diga-se de passagem, que o assunto, já na sua época, fora objeto de ampla publicidade pela mídia e não havia mais nada a ser apurado sobre o que se passara. Torturaram a morte Frei Tito querendo extorquir-lhe delações que ele não fez, e indiciaram e depois prenderam Therezinha Zerbini. Seu marido não foi preso porque era um general, e isso não se faz. Eu já me encontrava em exílio na França e acompanhei com muita dor essa inexplicável arbitrariedade. Therezinha passou oito meses presa convivendo na mesma cela com muitas outras mulheres, também prisioneiras políticas, entre as quais Dilma Rousseff. Mas nada quebrou sua coragem e sua moral. Contaram-me depois que, certo dia, o general Zerbini numa visita, levou à Therezinha um pernil. Ela quis dividi-lo com suas companheiras de cárcere. Mas não havia faca para cortá-lo. Ela não hesitou: aproximou-se das grades e gritou para o vigia de plantão: - ``soldado! Traga-me uma faca para cortar o pernil!`` O guardião, olhos esbugalhados de estupor, confuso, executou-se. Foi buscar uma faca.

Quando saiu da prisão, levou para casa a ideia de anistia. Algum tempo depois, visitou a Europa com o gen. Zerbini, e estive o tempo todo com eles. Soube então da tarefa a que se propunha: levantar a bandeira da anistia. Reuniu-se com os brasileiros exilados pregando a união em torno desse objetivo comum – coisa que muitos valentes membros da oposição legal nunca faziam de medo de se comprometer. E me lembro que antes de embarcar de volta ao Brasil, solicitou-me para que a levasse à catedral de Notre Dame, onde permaneceu longamente de joelhos diante da imagem de Joana D´Arc. Pedia-lhe força e coragem.

Criou o Movimento Feminino pela Anistia seguindo a lição tirada do Movimento das Mães de 1968. A contribuição das mulheres na história do Brasil é tão grande como a negligência dos historiadores em levá-la em consideração. Está aí, para quem ainda não o leu, o livro de Ângela Alonso, ``Flores, votos e balas – o movimento abolicionista brasileiro``, que com notável erudição nos conta os vinte anos de luta pela libertação dos escravos no Brasil e o imenso papel das mulheres nesse combate totalmente pacífico. Therezinha construiu e conduziu o movimento com uma verdadeira liderança carismática, tal como Max Weber a conceitua: o líder carismático é aquele que desenha uma meta clara e tem capacidade para organizar os meios para atingi-la. Não se tratava de defender os direitos das mulheres, mas sim de exercê-los como cidadãs. Não que os direitos próprios das mulheres fossem, ou sejam, de pouca monta: pelo contrário, eram e continuam sendo uma exigência ética para a comunidade política. Mas acima das reivindicações ``identitárias`` está aquela que sem ela nada se obtém: a cidadania. Pois, é nas contradições e pelas contradições, na luta pelos direitos imprescritíveis da cidadania, que podemos, na unidade, garantir a diversidade. Não foi sem dificuldades que Therezinha conseguiu manter firme a meta a ser atingida. Mas ela se fez presente por toda parte, sempre em nome do Movimento que criara e, com as suas companheiras, percorreu o Brasil de cabo a rabo, pressionando diretamente o Congresso, falando cara a cara com as lideranças políticas, recolhendo assinaturas para abaixo-assinados nas portas das faculdades e fábricas, indo inclusive aos Estados Unidos da América – sempre pregando a necessidade de uma anistia para que a democracia e a paz voltassem ao Brasil.



Quando a ONU criou o Ano Internacional da Mulher, foi ao mundo que ela se dirigiu pedindo a colaboração de todos para que a sociedade brasileira conseguisse a anistia tão desejada.

O regime ditatorial diante dessa movimentação pacífica e que contava com o apoio do concerto das nações democráticas, ficou perplexo e sem meios de reagir. Tanto mais que o mundo mudara. Em 1978 foi eleito Jimmy Carter pra a presidência dos Estados Unidos, e com ele o ideário dos direitos humanos voltava à Casa Branca. Era um sinal dos tempos. Quando Carter visitou o Brasil, Therezinha burlou segurança e protocolo e entregou à esposa do presidente americano, Rosalyn Carter, os estatutos do Movimento e suas reivindicações. Um ano depois, escurado do Uruguai onde estava exilado por instigação do Governo brasileiro, Leonel Brizola pede refúgio político... aos Estados Unidos. E seu pedido é aceito. Mais um sinal.

Em 1978, a meta da anistia deixa de ser uma bandeira unicamente do Movimento Feminino e se amplia com a criação do Comitê Brasileiro pela Anistia. E se espalha pelo mundo: em quase todas as capitais europeias já existem ``comitês brasileiros pela anistia`` que os refugiados políticos brasileiros foram criando com a ajuda de forças políticas democráticas locais. Não se tratava mais de um pequeno grupo de mulheres reunidas numa sala na casa de Therezinha Zerbini. É o mundo que clamava: anistia para os brasileiros!

Therezinha conseguiu – e convenhamos, coisa raríssima! – unir a esquerda brasileira em torno de uma única palavra de ordem. Com lucidez e pugnacidade conseguiu a unidade. E venceu.

No momento em que, mais uma vez, nossa democracia se encontra ameaçada por uma extrema direita estabranada, dirigida por gente tresloucada, é bom que nos lembremos dessa bela lição que Therezinha e seu marido nos deixaram. Só a unidade na diversidade pode barrar os inimigos da liberdade.